

## RESENHAS

BADIA, Denis Domeneghetti

**Imaginário e Ação Cultural: As Contribuições de Gilbert Durand e da Escola de Grenoble.** SP: Faculdade de Comunicação/USP, 1993, 283 p.

Denis D. Badia visa, nesse seu trabalho (dissertação de mestrado), mostrar quais seriam as contribuições que a antropologia do Imaginário de G. Durand e a Hermenêutica da Escola de Grenoble teriam a acrescentar para a problemática da ação cultural.

Assim sendo, ele inicia o primeiro capítulo apresentando o histórico da constituição progressiva da Escola de Grenoble, detalhando os vetores de pesquisa e as produções mais significativas de alguns de seus membros. Logo após, temos uma discussão acerca dos princípios hermenêuticos da referida escola matriciada por Gilbert Durand. Encerra-se o capítulo examinando a noção de 'Imaginário'.

O autor começa o segundo capítulo analisando a importante questão da ressurgência do Imaginário e reconquista do Imaginal. Ele apresenta o Imaginal, sinteticamente, como o mundo dos arquétipos e dos símbolos enquanto realidade de presença e como uma forma de relacionar, de simbolizar teomonista. Quanto à 'ressurgência do imaginário', pode-se dizer que é a reativação daquele 'residual' do numinoso que antropologicamente foi caracterizado como 'pensamento simbólico', que mais precisamente é um pensamento hermenêutico, tradicional, gnóstico e fundamentalmente poético na modernidade". (p.93)

Na seqüência do capítulo II, encontramos uma reflexão em torno da epistemologia da 'Bezauberung' que, centrada da reativação do pensamento simbólico através da Tradição e da

ciência holonômica, constitui o NEA (Nouvel Esprit Anthropologique) e o NES-1980 (Nouvel Esprit Scientifique, 1980), aos quais deve ser acrescentada uma pedagogia do Imaginário.

Concluindo o capítulo, Badia tece considerações sobre a concepção de linguagem e sobre o estruturalismo figurativo durandianos.

Após ter apresentado a formação histórico-estrutural e paradigmática da hermenêutica simbólica e do estruturalismo figurativo elaborados por Gilbert Durand, o autor elucida, no capítulo III, a constituição da arquetipologia geral e sua desembocadura na estruturação dos universos míticos

Inicialmente, ele apresenta a abordagem estática do Imaginário: descreve o aparelho simbólico e mostra a fundamentação reflexológica da construção das estruturas antropológicas do Imaginário. Em seguida, Badia discute a dinâmica do Imaginário, cujos princípios estão na 'energética simbólica'.

Em outro momento do capítulo, o A.T-9 de Yves Durand, que assume as estruturas antropológicas do Imaginário como tendências, vetores e realizações de universos míticos, é examinado pelo autor. Analisa-se também, a topologia vetorial dos sonhos. Por fim, examinam-se as dimensões e perspectivas do mito: as características da lógica do mito são elucidadas e a mitocrítica e mitanálise são apresentadas como dimensões de abordagem dos fragmentos míticos presentes nas formas de arte e nas práticas sociais.

No quarto capítulo, o autor se detém na análise da constituição da antropologia profunda e mostra as projeções mitanalíticas dessa antropologia na abordagem dos grupos e da dinâmica sócio-cultural. Dado que "os universais do comportamento simbólico são, também, universais de socialidade e grupalidade" (p. 168), uma arquetipologia social "evidenciará o mito pessoal como mito coletivo encarnando-se em grupos e organizações sociais, cristalizando-se em instituições e dando ensejo, pela energética de equilíbrio simbólica, a uma dinâmica sócio-psico-cultural e organizacional dos grupos e nos grupos cuja meta é, para Durand, a realização de uma "sociatria" ou de uma "sociologia" ..."

(p.169). Dessa forma, conforme o prof. Denis, chega-se à ação cultural como culturálise de grupo e chega-se ao aspecto "actancial" da antropologia do Imaginário durandiana (topologia). Concluindo, analisa-se a mitanálise, vista "como investigação dos parâmetros comportamentais individuais, grupais, culturais e civilizacionais nos seus aspectos sócio-psico-culturais" (p.197).

O capítulo V inicia-se com uma discussão acerca dos pontos fundamentais de uma ciência teórica da ação e dos grupos. Seguindo, o autor expõe, de modo ilustrativo e demonstrativo, alguns trabalhos sobre grupos situados no âmbito da Escola de Grenoble em suas extensões 'grupalíticas': abordagem do Imaginário grupal sem a utilização do A.T-9; relato de uma série de trabalhos que exemplificam a abordagem do imaginário grupal através do A.T-9 e, por fim, abordagem do Imaginário pela culturálise de grupos (trabalhos de JC de Paula Carvalho e de seus orientandos e colaboradores).

A partir da proposta de utilização da teoria geral do Imaginário como "sociatria" ou "sociagogia", membros da Escola de Grenoble procuraram pensar a possibilidade de um trabalho com/de grupos como projeto, articulado de modo diferente segundo a dupla vertente da referida escola. Nas conclusões de sua dissertação, Badia salienta os traços comuns a tais abordagem de 'projeto'. Tematiza, por fim, a aproximação entre culturálise de grupos e Arte-ação.

**Imaginário e Ação Cultural...** é um texto bastante denso, fundamentado em ampla bibliografia, condensando informações que vão das fontes de influência (coordenadas intelectuais sobre as quais se constrói o pensamento de Durand) à tematização das aproximação entre Imaginário e ação cultural, elucidando, ao longo dos capítulos, os principais conceitos e hipóteses durandianos.

O texto de Denis D. Badia tem o mérito de frisar a importância da teoria de Gilbert Durand para se pensarem as sociedades contemporâneas, evidenciando a posição de destaque que o pensamento durandiano tem ocupado no âmbito das ciências humanas.

**Wanderley Martins da Cunha**

Instituto de Filosofia (PUCCAMP)

Projeto CNPq

LOUBERT, Maria Seabra.

Estudos de Estética Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993

No presente trabalho Maria Seabra faz uma análise sobre a Estética enquanto estudo sobre o "objeto de fascínio", ou seja, sobre a arte.

É importante salientar que tal estudo foi resultado do curso de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da U. F. do Rio de Janeiro. Nele podemos observar a clareza conceitual legada à Estética.

Pode-se notar através do estudo sobre Dufrenne o questionamento sobre o real e o objetivo. Afinal, até onde se podem demarcar tais conceitos em uma obra de arte? E até que ponto se pode conceituar o artista? Razão e objetividade são na verdade termos deveras complexos, todavia, este laço com o mundo sensível, que em diálogo com o concreto, une-se com a emoção e equilibra o mundo.

Dufrenne chama de "estado poético" a forma que nos leva à inteligibilidade. Este estado equivale em importância com seu oposto que é a "compreensão racional". O filósofo também distingue o real estético e o real objetivo através da atitude de consciência. Consciência esta que pode ser tanto ordenadora como inspiradora de um pré-real, ou seja, aquele que só é completo mediante a uma leitura racional ou emocional.

Através do histórico da Arte é possível esclarecer alguns tópicos de seus problemas atuais. Na antigüidade grega ela estava ligada ao caráter funcional, dessa forma, surge o caráter objetivo da poesia, beleza e técnica. Já na época medieval, nota-se a influência teológica que delimitou os passos artísticos. No período Romântico a forma artística já é mais trabalhada no individual do artista, ou seja, na revelação de suas emoções. Porém, hoje já notamos um certo distanciamento com relação a finalidades.

Ocorre então um "distinção fenomenológica", segundo a autora, uma "existência física, artística e estética".

Analisando o problema artístico pós-moderno, Maria Seabra denota sobre a Tecnoocracia vigente e o espaço legado à cultura geral.

Assim pode se perceber o problema do singular que faz com que haja o individualismo extremado e o problema da massificação. Estes fatores dificultam a análise do objeto artístico.

Para concluir a autora enfatiza o valor da Educação pela Arte. A busca do objeto estético é mais do que o puro e simples entendimento racional. Na verdade é o reconhecimento da sensibilidade.

Em um mundo onde a massificação se faz presente tanto a nível político quanto ao nível cultural surge uma Arte muitas vezes descaracterizada de seu papel humano.

A informática ganha campos ilimitados. O progresso é necessário, mas o importante é que compreenda todas as áreas e não apenas algumas.

Precisamos de tecnologia, no entanto, a Arte também nos faz falta. Portanto é indispensável uma forma educativa voltada para esse objetivo.

**Maria Célia Scavassani Schultz**

Instituto de Filosofia - PUCAMP/Projeto CNPq